

A PERSPECTIVA CRÍTICA EM RACHEL DE QUEIROZ E EM GRACILIANO RAMOS

Lizandro Carlos Calegari¹

Vanderléia de Andrade Haiski²

RESUMO

O objetivo geral deste estudo consiste em tecer breves reflexões acerca de elementos que desnudam a ideologia autoritária brasileira tendo em vista os romances *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. Os tópicos sobre os quais o presente trabalho se sustenta são os seguintes: a violência social, a miséria, a morte, a migração, a infância, a linguagem e a percepção do mundo dada pelos principais personagens das aludidas obras. Dentre os principais teóricos utilizados nesta pesquisa estão Walter Benjamin e Theodor Adorno.

Palavras-chave: Violência. Autoritarismo. Rachel de Queiroz. Graciliano Ramos.

ABSTRACT

This paper undertakes an approach to elements like social violence, poverty, death, migration, childhood, level of language, and the world perception given by some characters in Rachel de Queiroz's *O quinze* [The Fifteen] (1930), and Graciliano Ramos's *Vidas secas* [Barren Lives] (1938). Of interest is the way such elements contribute to expose people's hard conditions of life framed by an authoritarian ideology. The main theoreticians consulted in this work are Walter Benjamin and Theodor Adorno.

Keywords: Violence. Authoritarianism. Rachel de Queiroz. Graciliano Ramos.

NOTAS SOBRE LITERATURA E AUTORITARISMO: O OLHAR DE RACHEL DE QUEIROZ E DE GRACILIANO RAMOS SOBRE A SOCIEDADE BRASILEIRA

O tema deste estudo são os livros *O quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. O primeiro foi publicado pela primeira vez em 1930; o segundo, em 1938. Tanto o primeiro quanto o segundo são reconhecidos pela crítica e seus autores

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS). Professor da Graduação e do Mestrado em Literatura na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI-FW). E-mail: lizandro.calegari@yahoo.com.br

² Mestranda em Literatura Comparada na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI-FW). E-mail: vanderleiadeandrade@gmail.com

são situados pela historiografia literária como dos mais relevantes da segunda fase do modernismo brasileiro.

De acordo com Alfredo Bosi, esse segundo momento do modernismo se deu em virtude de acontecimentos históricos vigentes nesta época, ou seja, devido a fatos sociais peculiares ocorridos entre 1930 a 1945 tais como o tenentismo liberal, a política getuliana e as oligarquias regionais. Esses eventos, a rigor, vieram ao encontro do agravamento dos problemas humanos. Por isso mesmo, “[e]ssa compreensão viril dos velhos e novos problemas estaria reservada aos escritores que amadureceram depois de 1930: Graciliano Ramos, José Lins Rego, Carlos Drummond de Andrade... O Modernismo foi para eles uma porta aberta: só que o caminho já era outro” (BOSI, 1994, p. 384).

Os mencionados escritores apresentam estilos ficcionais que se caracterizam pela aspereza e pelo *engajamento*, na concepção de Theodor Adorno (1991), além de uma retomada de aspectos realistas. O objetivo, então, é denunciar a realidade corrompida e degradada que se formou e que vai de encontro às intenções e aos desejos de um ideal de sociedade. Assim, o romance social nordestino ou regionalista se destaca por seguir uma linha neorrealista cuja intenção principal é denunciar os problemas econômicos do nordeste, o drama dos retirantes e a exploração do povo num sistema social injusto. Aliás, os livros de Rachel de Queiroz e de Graciliano Ramos apontam justamente para essas direções.

A marcha penosa e trágica de Chico Bento, que representa o retirante, constitui o núcleo temático de *O quinze*. Paralelamente, desenvolve-se o drama da impossibilidade de comunicação afetiva entre Vicente e Conceição: ele, um proprietário rural sensível à miséria, mas impotente para eliminá-la; ela, uma moça da cidade, atraída pela figura livre e franca de Vicente, mas que não consegue penetrar em seu mundo rude, quase selvagem. Assim, o enredo articula-se a partir de dois planos básicos: o social e o individual. O primeiro consiste na apresentação do efeito da seca sobre os sertanejos; o segundo baseia-se nas experiências de uma moça cuja intenção é definir sua identidade numa sociedade patriarcal. Ela desvela-se filantropicamente pelos retirantes, adotando inclusive uma criança, mas não alcança um sentido político para entender os horrores do nordeste.

Vidas secas apresenta uma temática semelhante. A obra retrata objetivamente a retirada de uma família de nordestinos composta pelos personagens Fabiano, sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia, oriundos de uma região castigada pela fome e pela miséria. Esse romance, embora se refira a problemas sociais do nordeste brasileiro, apresenta uma visão crítica das relações humanas que a torna universal. A vida da família do retirante é vista sem horizontes, sem grandes ambições e explorada por outros homens, marcando, desta forma, um futuro incerto. Com isso, os personagens estão inseridos num contexto sócio-político que muitas vezes acarreta o drama e a miséria humana.

Afora esses aspectos, há, nos dois livros, algumas temáticas similares. O primeiro ponto diz respeito à violência. Em certa altura de *O quinze*, Chico Bento, simplesmente por ter sacrificado um animal com o intuito de saciar a fome de sua família, sofre repressão do proprietário:

- Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com fome!...
- Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha! (QUEIROZ, 1999, p. 66).

A violência imposta autoritariamente do mais forte contra o mais fraco também pode ser observada em *Vidas secas*. A passividade constitui uma das características de Fabiano, personagem principal desse romance. Ele apresenta um comportamento submisso diante daqueles que detêm alguma parcela de poder, como é o caso do seu patrão Tomás da bolandeira ou o soldado amarelo. Em certa passagem do enredo, Fabiano leva uma sova do soldado amarelo, que representa o governo corrupto da época, sendo oprimido pela ideologia autoritária: “- Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita” (RAMOS, 1986, p. 33).

Nesses dois casos, tanto a reação de Chico Bento quanto a de Fabiano diante do poder arbitrário não revelam apenas casos particulares e isolados, mas uma manifestação típica da realidade histórico-concreta brasileira. O indivíduo sente-se amedrontado e

indefeso, acuado diante do Estado – representado aqui pelas autoridades – que usa e abusa do poder, achando-se no direito de reprimir e oprimir.

Outro tópico que merece destaque incide na miséria e na migração. A primeira consiste num fator determinante para a ocorrência da segunda. Ambos os acontecimentos estão vinculados ao sofrimento humano. Em *O quinze*, a migração, além de corresponder a uma necessidade imposta pela miséria, acarreta o sofrimento e sugere a falta de perspectiva:

Eles tinham saído na véspera, de manhã, da Canoa.
Eram duas horas da tarde.
Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou-se numa pedra e falou, numa voz quebrada e penosa:
– Chico, eu não posso mais... Acho que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça! (QUEIROZ, 1999, p. 63).

Vidas secas revela cenas semelhantes a essas:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredia bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala (RAMOS, 1986, p. 9).

Entre as causas principais da pobreza no nordeste brasileiro não está somente a seca, mas também a injusta realidade social. Embora destituídas de fundamento, essas ideias foram muito difundidas, de tal modo que ainda hoje muitas pessoas acreditam que o clima seja a causa determinante de numerosos acontecimentos sociais. Assim, talvez, a maioria das pessoas pense que a pobreza da maior parte dos habitantes nordestinos seja devido às secas. Na verdade, a pobreza aí observada deve-se, também, à estrutura social vigente, em que somente alguns – os latifundiários – possuem recursos técnicos e financeiros para se prevenirem contra a seca.

É isso o que, de certa forma, Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos criticam. A família de Chico Bento e a de Fabiano, que representam a população rural, são formadas por pequenos agricultores. Estes, sem recursos técnicos e financeiros, sobrevivem na

dependência direta das escassas chuvas com as quais conseguem obter suas minguadas colheitas. Nessas condições, quando não ocorrem as esperadas chuvas, instala-se a seca, obrigando-os a abandonar suas terras. Assim, as periódicas secas no nordeste servem para desnudar a injusta realidade social na qual reside a causa fundamental da pobreza na região. Além do mais, numerosos outros exemplos poderiam ser citados para demonstrar que o clima não constitui a causa única dos problemas sociais e econômicos.

Todo esse quadro gera a morte e a degradação humana. *O quinze* e *Vidas secas* recuperam imagens que retratam fins trágicos³. No primeiro caso, uma das cenas concentra-se na morte das crianças:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente que jazia (QUEIROZ, 1999, p. 127).

No segundo caso, tem-se a morte de um papagaio: “Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida” (RAMOS, 1986, p. 11). A morte da ave em consideração antecipa a ideia de fragilidade dos retirantes. O problema reside na escassez de comida, resultando, assim, na fome que essas figuras quase subumanas, vítimas do fatalismo irreduzível da região nordestina da seca, enfrentam.

Aliás, as crianças estão sempre inseridas em circunstâncias precárias – no sentido amplo da palavra. Como se observou em *O quinze*, elas são vítimas da violência e do des-caso. O mesmo pode ser observado em *Vidas secas*: tanto *o menino mais velho* quanto *o menino mais novo* estão sujeitos às brutalidades cometidas pelos adultos. Num primeiro momento, Fabiano agride *o menino mais velho* de forma brutal:

O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.
– Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

³ O vocábulo *trágico*, tal qual foi empregado nesse trabalho, é relativo à morte, à aniquilação, ao extermínio.

Não obtendo resultado, fustigou-o com a bainha da faca de ponta (Ibid., p. 19).

Acerca do *menino mais novo*, o narrador o vê como um ser hereditário dos caracteres do pai. A criança é descrita nos seguintes termos: “Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru” (Ibid., p. 52). Neste fragmento, não há qualquer progresso em termos materiais. O narrador destaca os maus hábitos que o filho iria adquirir em virtude de seu pai; e, devido às condições econômicas não favoráveis, continuaria calçando *sapatos de couro cru*. É justamente esse movimento circular o que, em certa instância, sugere a ideia de perenidade das condições violentas e autoritárias aí testemunhadas. Assim, tanto em *O quinze* quanto em *Vidas secas*, observa-se que as maiores vítimas são as crianças, desprotegidas e silenciadas. Elas sofrem devido aos desencontros, desacertos e incertezas criados no mundo dos adultos.

Outro aspecto associado a esses elementos autoritários tecidos até aqui é o nível de linguagem utilizado pelos personagens, relacionado, muitas vezes, com a linguagem regionalista típica do sertão nordestino. Em *O quinze*, é possível ler algumas construções que parecem não atender às normas cultas da linguagem: “– Sinhá Eugênia, cadê aquela moçota que vendia café mais você?” (QUEIROZ, 1999, p. 69). Em *Vidas secas*, o problema vai um pouco além. Observa-se que a ausência de uma articulação satisfatória da fala dos indivíduos está vinculada à falta de instrução formal. Instrução essa que se apresenta de forma insatisfatória ou precária, o que leva à exploração social. Aliás, a fala de Fabiano é insuficiente para atender às demandas sociais. Além disso, nesse livro, praticamente não se observa composição de diálogos entre falantes, e o enredo se tece por meio do discurso indireto livre. Fabiano, por exemplo, se expressa por meio de ruídos:

Deus não permitira que sucedesse tal desgraça.

– An!

A casa era forte.

– An! (RAMOS, 1986, p. 66)

Essa incapacidade de Fabiano usar adequadamente a língua, de falar “palavras difíceis”, faz com que ele associe a linguagem ao mundo das pessoas letradas e dotadas de

tal capacidade, tentando, dessa forma, imitá-las com a finalidade de atingir o nível intelectual das pessoas que admira. É justamente em virtude dessa incapacidade que ele era frequentemente explorado: “Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. [...] Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e os proprietários tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando” (Ibid., p. 76).

A partir dessas considerações, é possível afirmar que a visão do mundo expressa por esses personagens é uma visão acentuadamente melancólica e destituída de perspectivas. O sistema autoritário no qual os personagens se inserem contribui para que eles caiam na dúvida e na falta de compreensão do sistema social. Em *O quinze*, essas indagações ficam por conta de Conceição; em *Vidas secas*, a postura contemplativa de Fabiano está vinculada a uma forma ou a uma tentativa de responder aos arranjos sociais que primam pela exploração dos menos favorecidos na escala econômica⁴.

Assim, pode-se atribuir tanto aos personagens de *O quinze* quanto aos de *Vidas secas* um dos postulados de Georg Lukács (1968). Segundo este crítico, um personagem porta características consideradas exemplares dentro de um grupo social, tendo em vista a dinâmica das relações estabelecidas dentro da sociedade, coerentes ou contraditórias, num contexto histórico definido. Logo, os indivíduos criados por Rachel de Queiroz e por Graciliano Ramos nessas duas obras representam um drama social coletivo.

LITERATURA E AUTORITARISMO: O DESMASCARAMENTO DA IDEOLOGIA ATRAVÉS DA ARTE

⁴ Aliás, segundo Walter Benjamin (1984), a atitude contemplativa é fundamental na condição melancólica. O teórico encontra em um pensador do século XV, Marsilius Ficinus, a ideia de que a bile negra, substância responsável pela melancolia, motiva o espírito para a contemplação (p. 176-178). Nesse particular, conforme sugere Susana Kampf Lages (2002), “a ideia da melancolia é um recurso que permeia a escrita benjaminiana não apenas para promover uma autorreflexão, mas também para realizar uma reflexão sobre condições políticas bem concretas em que a melancolia se torna, como valor negativo, elemento paralisador da ação, um obstáculo a uma literatura consistente consigo mesma e com sua própria circunstância histórica” (p. 110).

As obras *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, deixam subjacentes vários elementos que propõem a desmontagem das visões ideológicas autoritárias projetadas pelo Estado. Essa crítica se tece não somente em virtude de acontecimentos isolados, que seriam os problemas decorrentes da seca, mas devido à falta de solução dada aos vários problemas que são oriundos destes, como é o caso da violência, da miséria, da migração, da morte, do comportamento submisso dos indivíduos, da precariedade de linguagem, dentre outros. Problemas esses que ainda perpetuam na sociedade brasileira e atingem as parcelas populacionais economicamente desfavorecidas.

A propósito, conforme assinala José Antonio Segatto (1999), “[a] história brasileira [...] caracterizou-se pela reiterada exclusão das classes e camadas não-dominantes do processo sócio-político” (p. 207). Em *O quinze* e *Vidas secas*, os personagens representam essa parcela marginalizada, silenciada pelo poder dominante. Essa mesma ideia de que o processo histórico brasileiro tem sido marcado por episódios violentos também é defendida por Paulo Sérgio Pinheiro. Segundo esse autor, os governos brasileiros “não conseguiram assegurar um dos requisitos básicos da sociedade democrática – o controle da violência” (PINHEIRO, 1991, 45). Além disso, salienta:

Durante toda a República no Brasil, as práticas repressivas dos aparelhos do Estado e das classes dominantes estiveram caracterizadas por um alto nível de ilegalidade, independentemente das garantias constitucionais. Para os pobres, miseráveis e indigentes que sempre constituíram a maioria da população podemos falar de um ininterrupto regime de exceção paralelo, sobrevivendo às formas de regime, autoritário ou constitucional (Ibid., p. 48).

O caso dos anos 1930 no Brasil é extremamente revelador. Assim, embora ainda não se tivesse entrado de fato nos novos rumos impostos pelo regime autoritário do Estado Novo (1937-1945), o Brasil estava articulado de tal forma que a classe marginalizada sempre atendia aos anseios da elite. Isso porque, no caso brasileiro, segundo Pinheiro, tem predominado um autoritarismo socialmente existente que precede e ultrapassa os regimes políticos autoritários e independe da periodização da história política (Ibid., p. 55). Essa mesma ideia é reiterada por Florestan Fernandes. De acordo com o estudo-

so, os “assuntos de mudança social entram [...] na esfera do controle social e da dominação de classe, com uma ótica enviesada, que identifica a Nação com os ‘donos do poder” (FERNANDES, 1974, p. 45).

Tanto os personagens de *O quinze* quanto os de *Vidas secas* não demonstram senso crítico para julgar o Estado enquanto possível agente causador das desigualdades sociais. Essa ideia ganha consistência se se levar em conta que, no Brasil, os primeiros decênios do século XX assistiram ao avanço tecnológico destituído de melhorias sociais. Esse ponto é criticado por José de Souza Martins. Segundo ele, “[o] novo surge sempre como desdobramento do velho” (MARTINS, 1994, p. 30), não realizando o ideal da modernidade, ou seja, de igualdade e inclusão social, dentre outros.

O Brasil, portanto, ao longo do seu processo de formação, sempre apresentou inúmeros valores degradantes para o conjunto da sociedade de tal forma que eles permanecem dissimulados na realidade atual. Assim, o papel do artista engajado consistiria em apreender essa realidade de maneira a denunciar os males que a afligem. Com isso, a violência, a miséria, a migração, a morte, a degradação, o comportamento submisso, o emprego de linguagem coloquial e o olhar melancólico dos personagens são formas encontradas pelos autores de *O quinze* e *Vidas secas* para desmascarar as ideologias autoritárias elaboradas pelo Estado.

Nessa mesma linha de reflexão crítica, são fundamentais algumas concepções formuladas pela Escola de Frankfurt, destacando-se os estudos de Walter Benjamin, Theodor Adorno, Jürgen Habermas, Max Horkheimer e Hannah Arendt. Nesse ponto, é importante ressaltar as principais características ligadas a essa Escola. Dentre elas, destacam-se o resgate do marxismo, o desenvolvimento da interdisciplinaridade (filosofia, história, psicologia) e a produção de uma teoria literária articulada à cultura de massa.

O olhar de Rachel de Queiroz e de Graciliano Ramos satisfaz uma consideração importante defendida por Theodor Adorno. Segundo esse teórico, toda a atividade crítica é exercida dentro de um sistema cultural. Quando um intelectual se dedica a essa atividade, necessariamente incorporará, de alguma forma, elementos do sistema de que faz parte e acerca do qual se posiciona criticamente. Assim, o crítico está dentro do sistema que pretende criticar e, portanto toda crítica do sistema será também uma crítica contra

si. Conforme os termos do autor, “o crítico dialético da cultura deve participar e não participar da cultura. Só assim fará justiça à coisa e a si mesmo” (ADORNO, 1998, p. 25).

Seguindo esse percurso de raciocínio, pode-se dizer que *O quinze* e *Vidas secas* estão de acordo com esse princípio geral. Tanto o autor quanto o narrador necessitam, em um primeiro momento, se afastar do sistema para recolherem elementos de denúncia social, para, em seguida, projetá-los criticamente em seus textos literários. Assim, a representação de personagens atingidos pela fome, pela miséria, pelo sofrimento e pela submissão seria produto de um movimento dialético articulado pelo crítico, justamente para retratar uma sociedade cujo autoritarismo, na maior parte dos casos, passa de modo despercebido.

Nessa mesma linha de pensamento crítico, encontra-se Walter Benjamin. *O quinze* e *Vidas secas* satisfariam certas exigências impostas ao materialista histórico. Na concepção benjaminiana, a tarefa do historiador materialista seria o de não deixar a memória do passado trágico escapar, mas zelar pela sua conservação, de contribuir na reapropriação desse fragmento da história esquecido pela historiografia dominante (BENJAMIN, 1985). Logo, as cenas que perpassam os mencionados romances e que desnudam aspectos autoritários da experiência teriam como um dos objetivos não deixar a história dos oprimidos cair no esquecimento, justamente para que a classe redimida conheça as injustiças do sistema social e lute por soluções em prol de seu bem.

Além disso, ao retratarem episódios violentos da vida social, os autores das obras em consideração estariam investindo contra a ideologia da classe dirigente. Esta, segundo Benjamin, busca falsear uma realidade cuja “cultura não é isenta de barbárie” (Ibid., 1985, p. 225). Ao procederem desta forma, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos procurariam, pois, avaliar um passado agônico e, com isso, “fazer emergir as esperanças não realizadas desse passado, inscrever em nosso presente seu apelo por um futuro diferente” (cf. GAGNEBIN, 1982, p. 67). Isso equivale dizer que as esperanças de um futuro melhor estão calcadas na necessidade de se corrigir o presente que, por sua vez, se tece a partir dos eventos passados.

Essas manifestações artísticas que agregam valores sociais e valores estéticos no intuito de despertar a reflexão acerca da situação presente são consideradas por Benja-

min como produções de “boa qualidade” (Id., p. 121). Assim, os escritores, ao se valerem de elementos de denúncia social em suas produções literárias, estariam contribuindo para que o senso crítico social fosse despertado e, com isso, fosse inviabilizada a continuidade de episódios violentos. Em outros termos, o escritor – através da exposição de problemas de ordem sócio-político-econômica em sua obra – produziria no leitor um efeito prático, modificando a sua conduta e a sua concepção de mundo, tornando-o ciente das necessidades de mudança (cf. CANDIDO, 2000, p. 20-21).

Portanto, a proposta de literatura engajada a que autores conscientes da problemática nacional aderiram – por estar agregada a pontos de referência históricos e sociais – visa, conforme Benjamin, a resgatar os horrores formulados no passado para que se compreendam as razões que induziram a sociedade a estar submersa nas formas de dominação pouco democráticas. A literatura compromissada com o mencionado objetivo, diferentemente do discurso histórico elaborado pelos detentores do poder, enlaça pelo menos aqueles eventos mais significativos para possíveis interpretações das relações entre as práticas autoritárias e as condições de produção e recepção das obras estudadas. Com base nessas leituras, pode-se afirmar que os romances *O quinze*, de Rachel de Queiroz e *Vidas secas*, de Graciliano Ramos vão ao encontro dos referidos propósitos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Engagement. In: _____. **Notas de literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

_____. Crítica cultural e sociedade. In: _____. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**. São Paulo: DIFEL, 1974.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória e libertação. In: _____. **Walter Benjamin: os cacos da história**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin: tradução e melancolia**. São Paulo: Edusp, 2002.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio sobre literatura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MARTINS, José de Souza. Clientelismo e corrupção no Brasil contemporâneo. In: _____. **O poder do atraso**. Ensaio de sociologia da história lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Autoritarismo e transição. **Revista USP**, São Paulo, n. 9, 1991.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 66. ed. São Paulo: Siciliano, 1999.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 56. ed. São Paulo: Record, 1986.

SEGATTO, José Antonio. Cidadania de ficção. In: ____; BALDAN, Ude (Orgs.). **Sociedade e literatura no Brasil**. São Paulo: Unesp, 1999.

Artigo aceito em dezembro/2012.